

Direitos Julho de 2013 – nº 13

Teimosia e paixão... Nossa parceria cotidiana na luta por direitos!

"Ela teimou e enfrentou o mundo Se rodopiando ao som dos bandolins..." (Bandolins, Oswaldo Montenegro)

No dia a dia, na labuta cotidiana, se entrelaçam projetos e visões diferentes, tristeza e alegria, desalento e esperança, desejo e repulsa. Uma mistura que faz do palco da vida o espaço da tensão permanente, da colagem de sensações e experiências. Não se vive no sempre igual. É como a história da bailarina que mesmo ante a tristeza e a noite escura da alma decide valsar e entrar na roda, rompendo a madrugada, teimando o mundo e criando seus próprios passos e trajetos. Um caminhar indevido, inquieto, resistente que, a despeito das angústias, dá saltos para a mudança.

Bailarinas, bailarinos, somos muitos de nós. Diante de injustiças socioambientais, intolerâncias religiosas, homofobia, lesbofobia, transfobia, a mercantilização dos corpos e das vidas das mulheres e a feminização e juvenização do HIV-Aids, muitas pessoas e organizações decidem teimar e enfrentar tais realidades, romper com aquilo que se mostra natural e ensaiar outros modos de se viver guiando-se pelos sons de liberdade e de justiça, pelos sons de vida e paixão.

São essas histórias de rebeldia e busca por direitos que narramos nesse primeiro Boletim Saúde & Direitos de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço de 2013. Nessa publicação, e nas outras que se seguem, contaremos histórias de gente, com diversas trajetórias e lugares, diferentes rostos e sonhos que, conjuntamente, anunciam que "O amor lança fora todo o medo" — uma campanha construída por KOINONIA desde 2011, que se amplia cada vez mais e deseja ser abraçada por outras pessoas e organizações; gente que se coloca em rodas de diálogo para denunciar as diferentes violências e discriminações, para denunciar a injustiça, para anunciar a esperança de mudanças na sociedade e em organizações religiosas; gente que escolhe caminhar construindo alternativas em parceria, a partir de oficinas, seminários, atos e marchas...

Como Programa Saúde e Direitos, especificamente, assumimos como um dos grandes eixos de atuação as mobilizações pelo fim da violência contra a mulher, numa importante interface com as distintas vivências religiosas. Algumas questões orientam essa "proseada" e engajamento: como as distintas tradições, em seus discursos e práticas, favorecem e legitimam atos de violência de gênero? Como estes discursos podem ser questionados? Como criar outras falas e práticas que favoreçam a liberdade e a autonomia das mulheres? Como encontrar possibilidades de vida por meio dos encontros construídos nas muitas comunidades de fé?

Diante dessas indagações, como no exemplo da bailarina ao som dos bandolins, esperamos dar um passo adiante, juntamente com outras pessoas, organizações e movimentos, numa convergência irmanada de nossa teimosia e paixão, para se construir uma casa-comum realmente justa para todos. Assim, ansiamos dar passos que rompam falas estabelecidas e desconstrua contextos dados como "normais", esperamos dar passos que estabeleçam redes de encontro e partilha... Estes são alguns de nossos desejos com o nosso trabalho e com esse boletim!

Uma ótima leitura.



Participação Política como Ação Diaconal: Prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra mulheres e meninas

* Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira

Amor e violência não combinam. Embora autores de violência doméstica contra mulheres e meninas afirmem que apesar de suas ações, amam suas esposas e filhas, há também os que dizem que assim agiram porque estavam embriagados, sob o efeito de drogas outras, ou simplesmente desvelam o que me parece mais próximo da razão pela qual a violência doméstica contra mulheres e meninas seja tão recorrente: "Ela é minha mulher", ou ainda "Ela é minha filha". Nessa afirmação de posse de quem entende ter a outra pessoa como sua propriedade e assim pode agir e fazer com ela o que quiser e desejar, parece-me ser o cerne da questão. Dentre as muitas injustiças, a violência doméstica contra mulheres e meninas é uma das pautas que tenho assumido como prioritária, porque contraria visceralmente ao princípio da antropologia teológica, de que a mulher, assim como o homem, foi feita à imagem e semelhança de Deus. E cada vez que uma mulher ou uma menina é violentada é a própria imagem de Deus que sofre violência.

Por amor a cada pessoa e a toda sua criação, Deus se fez humano e veio como uma pessoa comum e viveu num determinado tempo histórico como um judeu de nascimento e de religião. Como ser humano, ele viveu o aprendizado cultural de seu tempo, no qual o machismo era a ideologia que sustentava o sistema patriarcal da sociedade judaica. Compreender o machismo como um produto cultural que condicionou os papéis de homens e mulheres na sociedade do tempo de Jesus, antes mesmo dele e até hoje, é fundamental para que compreendamos a origem das desigualdades que têm como mais grave consequência a violência doméstica contra mulheres e meninas.

Foi assim nos tempos vétero-testamentários. Basta uma leitura panorâmica dos textos do Antigo Testamento, para constatarmos o papel de dominação masculina sobre as mulheres. Já no Novo Testamento, a supremacia masculina está tão evidente que é comum o anonimato das mulheres. Essa supremacia do macho, que o coroa como patriarca e proprietário de tudo, incluindo as mulheres e as crianças, tem sustentado o sistema patriarcal ao longo dos séculos. Jesus, como ser humano capaz de aprender àquela cultura, também foi capaz de aprender outras formas de pensar e ver, a partir das experiências que viveu, em diálogo com outras pessoas, incluindo mulheres de seu tempo,

de sua cultura e de outras culturas, que o impactaram de tal maneira ao ponto de fazer com que Ele mudasse seu pensamento e seu comportamento por amor.

Um dos maiores exemplos disso está no relato bíblico do diálogo de Jesus com uma mulher estrangeira, grega, de origem siro-fenícia, como registrado nos Evangelhos escritos por Marcos (7,24-30) e Mateus (15,21-28).

22 Certa mulher cananéia, que morava naquela terra, chegou perto dele e gritou: — Senhor, Filho de Davi, tenha pena de mim! A minha filha está horrivelmente dominada por um demônio!
23 Mas Jesus não respondeu nada. Então os discípulos chegaram perto dele e disseram: — Mande essa mulher embora, pois ela está vindo atrás de nós, fazendo muito barulho!
24 Jesus respondeu: — Eu fui mandado somente

24 Jesus respondeu: — Eu fui mandado somente para as ovelhas perdidas do povo de Israel.

25 Então ela veio, ajoelhou-se aos pés dele e disse:

— Senhor, me ajude!

26 Jesus disse: — Não está certo tirar o pão dos filhos e jogá-lo para os cachorros.

27 Sim, senhor, — respondeu a mulher — mas até mesmo os cachorrinhos comem as migalhas que caem debaixo da mesa dos seus donos.

28 Mulher, você tem muita fé! — disse Jesus. — Que seja feito o que você quer! E naquele momento a filha dela ficou curada.

Jesus, que em um primeiro momento se nega a abençoar a mulher e a xinga comparando-a a um cachorro, mas se surpreende com a fé daquela mulher, convertendo-se, ou seja, mudando de atitude, e atendendo ao apelo feito pela mulher. Numa iniciativa de contextualização do fazer teológico cristão, teólogas cristãs norte-americanas, no final do século XIX, deram início à leitura hermenêutica da Bíblia numa perspectiva feminista. Deu-se início à adoção da categoria de gênero como chave hermenêutica de leitura bíblica, a partir da qual a suspeita sobre como, quem escreveu e para quem foi escrito o texto, elucida as experiências de mulheres como personagens bíblicas, buscando dar-lhes

vez e voz como elementos importantes para a interpretação dos textos. Desde então, mulheres teólogas latino--americanas também têm feito pesquisas acadêmicas, realizado encontros e elaborado publicações que têm contribuído com essa perspectiva bíblica. Como cristã, a fé que herdei me faz consciente de que minha vivência deve ter engajamento político, por entender a política como um instrumento de construção do Reino de Deus. Essa combinação necessária, fé e política, fortalece o objetivo de transformar esse mundo num mundo melhor para todas as pessoas e para todos os seres vivos. Assim sendo, entendo que é também tarefa cristã denunciar as

injustiças desse mundo e anunciar o que deve e pode ser diferente. Como teóloga feminista e especialista em gênero, tenho tido a oportunidade de colaborar com ações governamentais a partir da Secretaria Especial da Mulher do Governo do Estado de Pernambuco, onde trabalhei entre os anos 2008 e 2009, e, mais recentemente, desde 2011, na Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Entendo que minha ação diaconal ultrapassa a religiosos e me acompanha onde quer que eu esteja, porque compreendo a ação diaconal como uma ação política efetiva de transformação da sociedade.

Sendo assim, entendo que ações de prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra mulheres e meninas são efetivas ações diaconais decorrentes da participação política e profética e da vivência da cidadania cristã na sociedade.



Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira

* Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira, bacharel e mestra em Teologia, com pesquisa intitulada "O Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE) e Suas Ações Educativas"; especialista em gênero pela Organização Internacional de Teologia (OIT) e pela ONU Mulheres, e em Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Diversidade pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG); doutoranda em Teologia pela Faculdades EST, com pesquisa intitulada "Acolhimento às Mulheres Negras em Situação de Violência Doméstica no Projeto Ajeunbó"; diaconisa a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), na Diocese Meridional, em Porto Alegre/RS. Integra os Grupos de Pesquisa: Indentidade; Interculturlidade; Religião e Gênero; da Faculdades EST. Atualmente, assessora da Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Contato: liliancsilva13@gmail.com.

S&D pelo Brasil

Oficina sexualidade e ações preventivas em HIV-Aids em Delmiro Gouveia — TRD.

Participamos e realizamos duas oficinas sobre sexualidade e ações preventivas em HIV-Aids com aproximadamente 60 jovens, participantes do curso de agentes culturais do Programa Trabalhadores Rurais e Direitos. Foram oficinas muito participativas e descontraídas com espaço para perguntas e reflexões. Mais uma vez, notamos um pequeno conhecimento sobre o assunto e muita informação equivocada. Os municípios com maior número de casos são: Maceió, Arapiraca, Rio Largo, União dos Palmares, Penedo, Palmeira dos Índios, Marechal, Delmiro

Gouveia, Coruripe e Pilar. São 2.862 casos em todo o estado de Alagoas. Em relação gravidez na adolescência, preocupação apresentada por uma das participantes, segundo dados do DATASUS, em Alagoas, 27,4% dos

nascidos vivos são filhos de garotas entre 10 - 19 anos, dado que contribui para a evasão escolar e aumento da pobreza. Os municípios que apresentam maior índice, no período de 2008-2010 são:

Cidades	Números	Cidades	Números
Maceió	3633	Coruripe	312
Arapiraca	761	Penedo	308
União dos Palmares	381	São Miguel dos Campos	296
Palmeira dos Índios	290	Rio Largo	282
Atalaia	246	Teotônio Vilela	246
Delmiro Gouveia	229	Marechal Deodoro	228

Representações religiosas marcam presença na 15ª Feira Cultural LGBT de São Paulo.

Shows, organizações não-governamentais, manifestações e presença religiosa marcaram a 13ª Feira Cultural LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) que aconteceu na última quinta-feira (31/5) no Vale do Anhangabaú, em São Paulo — SP.

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e a Paróquia Anglicana da Santíssima Trindade ocuparam um stand e distribuíram informativos acerca das ações que as duas entidades fazem em comunidades de fé sobre a inclusão da diversidade no espaço religioso.

Com intuito de mobilizar os religiosos a se pronunciarem contra os crimes motivados pela intolerância, a Campanha "O amor lança fora todo medo" participou da feira com a ação "Um beijo contra o preconceito" onde o público expressava seu repúdio à homofobia através de um ato representativo do amor: o beijo.

Para a voluntária de KOINONIA, Raissa Palamarczuk, o surpreendente da feira foi assistir as diferentes reações que o público expressou ao ouvir a proposta das comunidades religiosas contra todas as formas de intolerância. "Apesar de diversas participações religiosas, as pessoas reagiram com bastante receio ao ouvir se falar de religiosos contra a homofobia. Ainda mais falando de ecumenismo, quando os stands de igrejas que estavam na feira representavam uma denominação específica, ao abordamos o público com diferentes tradições unidas pelo fim das intolerâncias, as pessoas recebiam a informação com surpresa ", afirma Raissa.

A "Feira da Diversidade" — como é conhecida pelos mais íntimos — é um dos eventos que marcam o mês do orgulho LGBT na cidade de São Paulo que teve seu início com a entrega do Prêmio Diversidade no início de maio. As atividades de KOINONIA relacionadas ao mês do orgulho LGBT encerram em 22 de junho com a "Roda de Conversa: religião e homoafetividade" e a Celebração pela Dignidade Humana, ambos na Paróquia da Santíssima Trindade localizada na Praça Olavo Bilac, 63, no bairro de Campos Elíseos em São Paulo — SP.



Ato inter-religioso contra a redução da maioridade penal: A Juventude Quer Viver!

"A juventude quer viver". Este foi o nome dado ao ato inter-religioso contrário à redução da maioridade penal. A redução é hoje um dos temas mais polêmico em discussão na sociedade civil. Os últimos crimes cometidos por menores infratores são levantados como bandeira pela grande mídia a favor de mudanças na lei penal brasileira. KOl-NONIA Presença Ecumênica e Serviço já se pronunciou contra a redução por acreditar que a violência possui raízes mais profundas e complexas que vão além da maioridade penal.

A Campanha "O amor lança fora todo medo" participou do ato com a ação de repúdio à violência cometida contra as meninas no país. As estatísticas são alarmantes: 14 crianças, com idade abaixo de 10 anos, são estupradas diariamente no Brasil. A Campanha acredita que a mídia traz à tona apenas aqueles crimes perpetrados por estranhos e que ocorrem nos espaços públicos. Contudo, a maioria dos crimes sexuais contra as meninas acontece dentro de casa e são praticados por alguém próximo, como o pai, tio ou padrasto. Durante todo ato, tais estatísticas foram apresentadas nos corpos de meninas feitas de papel.

Os luzeiros

"A luz ao mesmo tempo em que revela e denuncia realidades muitas vezes apagadas, é também um forte símbolo de esperança.", explica Alexandre Quintino, metodista, articulador da Rede Ecumênica da Juventude (REJU) e voluntário do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI).

Primeiro luzeiro: Quem cala a sua voz?

A falta de oportunidades cala, políticas públicas precárias calam, o Estado, a mídia, a sociedade. Todos calam, mas

quem permanece calado? Durante o ato, com suas bocas tampadas com fita--crepe, todos se expressaram escrevendo cartazes com suas aflições acerca da situação em que a juventude está inserida atualmente.

"Todos os participantes do ato foram, com suas bocas ainda fechadas pela opressão e pela desigualdade sem limites, convidados a expressar o que cala a boca da juventude", denuncia Frei Brayan Filipe.

Segundo luzeiro: Quanto vale a sua voz?

A voz de um aluno da escola pública vale R\$ 15 mil por ano para o Estado. Já um detento, custa R\$ 40 mil anualmente. Mesmo assim, suas vozes permanecem abafadas pela precariedade em que se encontram os dois sistemas. Isto mostra que não é a quantia gasta pelo Estado que determina o direito de falar nesta sociedade. A Cia Basalto de Artes, do Capão Redon-

do, apresentou uma peça emocionante sobre a circunstância em que milhões de famílias brasileiras se encontram, enquanto que os rappers MC Rahsan e Sharylaine rimavam suas denúncias. "No segundo luzeiro vivenciamos a dor, a indignação e o desespero provocados pelo descaso das pessoas, do governo e das igrejas. Um momento de denúncia que nos provocou uma dor na alma, por sermos tão apáticos a realidade, como se fôssemos pessoas sem alma, sem coragem, verdadeiramente corpos carnessecas", destaca a anglicana Ester Lisboa, assessora do Programa Saúde e Direitos de KOINONIA.

Terceiro luzeiro: Qual a cor da prisão?

Negra, esta é a cor que prevalece em 60% dos presídios brasileiros. Não só da cor tratou-se este luzeiro, mas também do analfabetismo, da escassez do mercado de trabalho e das injustiças impressas em cartazes e lidos em voz alta pelos participantes do ato.



"Cada vez que alguém gritava as frases das placas, a realidade soava como um susto. É inacreditável que além de não estarem estudando, só metade da juventude brasileira está trabalhando. "O jovem não é sinônimo de coisa boa na nossa sociedade, o que existe é um sistema punitivo que os mantém presos e sem acesso aos estudos, cultura e lazer", desabafa Leninha Silva, atriz da Cia Basalto de Artes.

Quarto luzeiro: O que move a punição?

Não é o crime que move a punição no Brasil. É a desigualdade. A população carcerária da Fundação Casa é composta na sua grande maioria por jovens pobres, negros e periféricos que, ao invés de serem reabilitados e ressocializados, são esquecidos em celas imundas e superlotadas. E do que eles reclamam? Da comida fria, da roupa suja, da meia trocada

a cada 30 dias, da falta de desodorante. Estes foram os depoimentos dos meninos que estão na Fundação Casa e que foram lidos pelos participantes no quarto luzeiro. "Achei muito importante dar voz realmente aos que sofrem pelos problemas da Fundação Casa que não reintegra, não educa e só os coloca em uma situação mais miserável. Além disso, o depoimento da Selma Silva, uma mãe que passou por uma dura situação enquanto seu filho estava preso, foi muito emocionante", afirma Lívia Lima, católica e membro da Pastoral da Juventude Lívia Lima.

Quinto luzeiro: Direitos pra quem?

A juventude tem direito à educação de qualidade gratuita e pública; à liberdade de expressão; à cultura; à saúde pública de qualidade; entre outros. A juventude tem direitos assumidos e

protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente dos quais os jovens do movimento ecumênico que ocupou a Praça Roosevelt reivindicou de mãos dadas e cantando.

"Apesar do ambiente de festa e alegria, é triste pensar que muitos jovens — principalmente negros — ainda têm seus direitos tolhidos, como cultura, mobilidade, educação de qualidade e principalmente à vida", declara o metodista Cristiano Santos, membro da REJU - Rede Ecumênica da Juventude.

O Ato Inter-religioso "A Juventude Quer Viver" foi organizado por Agostinianos do Vicariato da Consolação; Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI); Fundação Luterana de Diaconia (FLD); KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço; Movimento 18 Razões; Pastoral Carcerária; Pastoral da Juventude; Rede Ecumênica da Juventude (REJU); Rede Fale; Revista Viração; Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS).

Mulher e auto-estima: Igreja Assembleia de Deus de Pindamonhagaba

Muitas histórias e vivencias são relatadas pela multiplicadora do Programa Saúde e Direitos, Dóris Bertolino. No mês de março, aconteceu uma palestra com o tema "Mulher e auto-estima" com cerca de trinta mulheres frequentadoras da Igreja Assembleia de Deus. No início da oficina, notamos um desconforto em relação ao tema, que foi desaparecendo a medida que, com seriedade, íamos abordando o assunto. Foi

muito positivo, pois algumas mulheres puderam se abrir e expor suas necessidades e dúvidas.

Procuramos, sempre que existe uma oportunidade, falar do assunto e distribuir as cartilhas "AIDS e Igreja", e temos recebido retorno da qualidade da mesma. Com a intenção de fazê-las refletir sobre a realidade da igreja, abordamos a questão da prevenção das DSTs/HIV-Aids, e a necessidade do diálogo e do teste.

Em um segundo momento, foi possível apresentarmos a pesquisa "Sexo e o Crente", concebida pelos editores do site Genizah, e contou com a participação da Revista Cristianismo Hoje — além do talento de uma série de líderes cristãos, convidados a colaborar nas linhas de abordagem do tema e na análise de dados.

A pesquisa pode ser acessada pelo site: http://www.bepec.com.br/pdf/ocrenteeosexo/ crenteosexo.pdf



Participantes no Encontro de Mulheres da Assembleia de Deus de Pindamonhangaba.



Impressões da Roda de Conversa

Religião e Violência contra a mulher

A "Roda de Conversa: religião e violência contra as mulheres" aconteceu no dia 16 de março, na capital paulista. Para discutir o tema dentro de suas denominações religiosas, a Pra. Metodista Lídia Maria de Lima, a Reverenda Anglicana Carmem Kawano, a representante da Fé Bahá'í Daniella Hiche, a Pra. Evangélica Ester Pires Brancia e a militante da Marcha Mundial de Mulheres Sarah Roure somaram conhecimento à roda.

DANIELLA HICHE

Achei fantástica a oportunidade para diferentes comunidades religiosas trocarem experiências e aprenderem juntas sobre como atuar no combate à violência contra mulher. Os desafios para superar esta mazela são enormes. Um deles é reconhecer o papel da religião neste processo e como as comunidades religiosas podem e devem aprimorar sua interface com outras instâncias, públicas e privadas, para o enfrentamento sistêmico da violência contra a mulher. A abertura com que todas as representantes das comunidades religiosas presentes expressaram as dificuldades de suas comunidades e seus contínuos esforços para superá-los demonstram a força e o senso de responsabilidade que detém para o enfrentamento da violência contra a mulher.

REJANE SILVA

Gostei muito da roda de conversa, principalmente pela troca de experiências. Sou Gerente de Serviços e Psicóloga numa organização não governamental e trabalho também com mulheres vítimas de violência. Para mim foi um aprendizado e com certeza o que vivenciamos nesse dia levarei para o meu dia a dia.

Acima e ao lado: apresentação do Coletivo Transitíorio de Teatro. Abaixo: participantes reunidos na roda de conversa.

VERA CASTRO

O evento levou-me a reflexões sobre o sofrimento de muitas mulheres, levou-me a querer fazer algo para ajudar a sanar a dor daquelas que sofrem. A conclusão a que cheguei é de que estou bem, não estou sofrendo, então devo ajudar a quem necessita.

CLAUDIO MONTEIRO

A maioria dos atos de violência contra mulher são cometidos pelos seu atuais ou ex companheiros, e cerca de 30 % são vítimas reincidentes. O enfrentamento deste problema requer a somatória de esforços entre os poderes públicos e a sociedade civil, no



estabelecimento de redes sociais de proteção e prevenção. Iniciativas como a "Roda de Conversa", inserem-se na proposta de enfretamento da violência contra a mulher de forma dinâmica, por representar as responsabilização das instituições religiosas na efetiva realização de ações de Cultura de Paz.





"O amor lança fora todo o medo"

Marcelo Morais

A convite de um grande amigo, integrante da Rede FALE, fui em um dos encontros do "Fé Mais Alegria" organizado pela entidade ecumênica KOINONIA.

Em um primeiro momento, estava muito ansioso para saber o que acontecia em encontros com cristãos, em sua maioria protestantes, que se reuniam para discutir questões voltadas às relações de gênero, homossexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, uso de drogas e afins.

Como praticante de religião de matriz africana e militante em movimentos sociais que discutem a efetiva igualdade entre classes sociais, gêneros, raças, religiões, etc., estava com o "pé atrás" em relação aos encontros, afinal estávamos e ainda estamos em um período muito complicado no cenário político nacional. Há questões de extrema importância a serem votadas no Senado e a bancada evangélica, cada vez mais forte, estava pronta para barrar as políticas sociais e os diretos civis de uma parcela gigantesca da população brasileira. No dia do encontro, um sábado,

cheguei cedo na Paróquia Santíssima Trindade, local da reunião, e fui surpreendido: todos os estereótipos que eu tinha criado em minha mente vieram abaixo. Eu não conhecia muito sobre as questões relacionadas ao cristianismo e lá tive a oportunidade de entrar em contato com pessoas que discutem questões progressistas e de extrema relevância social em espaços religiosos.

Depois de alguns encontros, discordâncias e trocas de experiência, chega o dia de irmos para a rua lançar a campanha "O amor lança fora todo o medo". O lançamento ocorreu no metrô República, em São Paulo/SP, local de altíssimo trânsito de pessoas. Passamos o dia distribuindo bottons e conversando com todos que passavam por aquele local. Ouvimos de tudo, tinham pessoas que eram contra a campanha, outr@s eram a favor em partes mas a maioria estava de acordo com a proposta da atividade exposta.

O mais importante e mais simbólico, era identificar as inúmeras

formas de discursos preconceituosos que acabamos ouvindo. Muitas vezes, de pessoas que não tinham ciência de que estavam reproduzindo aquele discurso e na medida do possível, nós "Agentes de Promoção a Vida", tínhamos como obrigação quebrar com esses preconceitos e trazer minimamente uma opinião contraria ao que estava sendo dito, para provocar reflexões nas pessoas com as quais conversamos. A campanha foi lançada, está na "rua", mas isso não é o suficiente. Ainda temos muito o que fazer para conscientizar a população e mostrar que direitos civis não são direitos específicos de pessoas brancas, heterossexuais, cisgênero, classe média e etc., e acima de tudo nos prevenirmos para que "Felicianos", violadores de direitos humanos, não invadam nossos terreiros, barrações, igrejas, templos ou qualquer outro espaço religioso que seja, com discursos preconceituosos.

Boletim produzido pelo **Programa Saúde e Direitos** de **KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço**. Esta publicação divulga informações sobre saúde reprodutiva, educação sexual e direitos para diversas comunidades, em especial comunidades religiosas.

Diretor Executivo de KOINONIA: Rafael Soares de Oliveira

Coordenadora do programa Saúde e Direitos e editora do boletim: Ester L. Lisboa

Redação: Clarisse Braga Revisão: Manoela Vianna

Programação visual e edição: Raissa Palamarczuk



www.facebook.com/AmorLancaForaTodoMedo www.facebook.com/koinoniapes

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço | Rua Santo Amaro 129 Glória 22211-230 Rio de Janeiro RJ - Tel (21) 3042-6445 Fax (21) 3042-6398 | Praça Olavo Bilac 63 Santa Cecília 01201-050 São Paulo SP - Tel (11) 3667-9570 | www.koinonia.org.br | koinonia@koinonia.org.br | saudedireitos@koinonia.org.br

